Artigo original
https://doi.org/ 10.54260/eb.v38i145.667
ESTUDOS BÍBLICOS

Ressignificação da morte em Paulo à luz da Ressurreição:

mensagem de conforto no contexto de pandemia

Ressignification of death in Paul in the light of the Ressurrection: message of comfort in pandemic context

Vicente Artuso* e José Carlos Krause Ferreira**

* Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) e Mestre em Exegese Bíblica (Pontifício Instituto Bíblico). Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Brasil.
vicenteartuso@gmail.com

** Pós-graduado em Teologia Bíblica - Novo Testamento (Pontifícia Universidade Católica do Paraná). Mestrando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Brasil.
krausferreira@yahoo.com.br

Recebido em: 16/01/2022
Aprovado em: 21/03/2023

Licença *Creative Commons*
CC BY-NC 4.0

Resumo

O artigo parte da experiência dolorosa da perda dos entes queridos em tempos de pandemia para iluminar a questão do sentido da vida e da morte. O objetivo é relacionar essas experiências com situações dramáticas. Na comunidade cristã de Tessalônica pelo ano 51 da era cristã a preocupação era o destino dos mortos por ocasião da vinda do Senhor. No século III, Cipriano na obra "De mortalitate" em meio à epidemia exorta os cristãos a não temer a morte, pois morrer era encontrar-se com o Senhor. O estudo oferece um significado teológico da morte à luz da ressurreição de Cristo. A morte possui um significado, pois viver em Cristo é viver vida nova, e morrer é estar com Cristo ressuscitado. Conclui-se que a esperança cristã na vida eterna não é alienação num futuro celestial. Nas situações de morte quem vive como ressuscitado é solidário com os que sofrem e comprometido em promover vida. Portanto, a vida presente espelha a realidade futura. No entanto, quando o presente não apresenta sinais de esperança, coloca-se mais ênfase no futuro em Deus.

Palavras-chave: Morte. Ressurreição. Ressignificação. Consolo. Covid-19.

Abstract

The article starts from the painful experience of the loss of loved ones in pandemic's times to illuminate the question of the life and death's meaning. The aim is to relate these experiences to dramatic situations. In the Christian community of Thessalonica in the year 51 of the Christian era, the concern was the fate of the death at the time of the Lord's coming. In the third century, Cyprian in the work "De Mortalitate" in the midst of the epidemic exhorts Christians not fear death, because to die was to meet the Lord. The study offers a theological meaning of the death in ligth of the Christ's resurrection. Death has meaning, for to live in Christ is to live new life, and to die is to be with the risen Christ. It follows that the Christian hope in eternal life is not alienation in a heavenly future. In situation of death, thouse who are

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

resurrected are in solidarity with thouse who soffer and are committed to promoting life. Therefore the present life mirrors de future reality. However, when the present does not show signs of hope, more emphasis is placed on the future in God.

Keywords: Death. Resurrection. Resignification. Confort. Covid-19.

1 Introdução

O enfrentamento da pandemia requer muitos esforços, criatividades e união. A solidariedade é fundamental para superar esta doença. A dedicação por parte dos agentes de saúde e colaboração por parte da sociedade, com o isolamento social, carrega consigo o sucesso dos resultados. Neste momento de tanto sofrimento a dimensão espiritual contribui trazendo conforto espiritual e consolo aos corações machucados. A morte faz parte da condição humana, preocupa e angustia mais ainda quando de forma inesperada sobrevém, como ocorreu nesses tempos de pandemia. Constata-se nas experiências de perda de um ente querido a busca de uma luz, uma esperança no Deus da vida. Quem crê, busca superação e o sofrimento pode ser amenizado através de experiências ancoradas nas esferas espirituais.

O presente artigo fornece uma reflexão sobre a espiritualidade no enfrentamento da pandemia à luz da teologia paulina da morte e ressurreição. A Primeira Carta aos Tessalonicenses, escrita no ano 51 da era cristã, revela uma comunidade preocupada com o destino dos mortos. Faltava-lhes esperança e então o autor oferece a base da fé para enfrentar o momento de angústia e separação: "Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também os que morreram em Jesus, Deus há de levá-los em sua companhia" (1Ts 4,14).

À luz de Cristo, a morte tem novo significado; a vida tem novo significado para aquele que crê. E isso não significa alienação da realidade e refúgio num futuro celestial, mas motivação, para lutar pela vida; significa mística e relação com a divindade, a dimensão transcendente da vida humana.

A causa da angústia e inquietação hoje, na pandemia, é diferente do contexto paulino. Lá eles estavam tristes pela perda dos entes queridos, mas principalmente preocupados com a segunda vinda de Jesus que não acontecia. Então Paulo os exorta a colocar os pés no chão, trabalhar dignamente e manter-se vigilantes na vida presente, pois não se sabe o dia nem a hora da vinda do Senhor (1Ts 5,1-12). Hoje a preocupação maior é combater e vencer as causas da mortandade; é o tempo presente com mais possibilidades de oferecer esperança ao povo. No entanto, a morte pela pandemia, e com as variantes da *Covid-19,* continuam mesmo com os grandes avanços da ciência médica. Diante disso, a questão não é quando virá o Senhor, mas o problema do secularismo alheio à dimensão transcendente do ser humano. Quando as pessoas se fecham na autossuficiência a angústia da morte se torna "angústia mortal" (Kierkgaard), e então o desespero toma conta.

Diante disso, nossa abordagem da morte é teológica: ela ganha novo sentido à luz da encarnação, paixão, morte e ressurreição de Cristo. Porém, a forma de apresentar a fundamentação da esperança cristã, muda de acordo com o contexto.

Para esse estudo usamos o Novo Testamento grego como fonte e como instrumento de análise usamos "O Novo Testamento analítico" (FRIBERG; FRIBERG, 2007). A tradução mais utilizada é da Bíblia de Jerusalém. A reflexão é enriquecida com comentários e artigos recentes, sobre os termos: morte e ressurreição na Primeira Carta aos Tessalonicenses. Para alargar a reflexão trazemos a realidade de pandemia no séc. III, com a obra "De mortalitate" de São Cipriano de Cartago. Uma realidade em que a mortandade era

enorme e não havia esperança de prevenção e cura, e então o discurso da pressa de ir ao encontro do Senhor estava presente. Quanto mais dramática a situação de morte, mais se acentuava o "estar com o Senhor" ou "ir ao encontro do Senhor" para além desta vida. Por outro lado, diante do abandono das pessoas, acentua-se mais a solidariedade dos cristãos. Fato semelhante ocorreu com a febre espanhola em 1919, quando morreram mais de 50 milhões pelo mundo. Albert Camus relata no seu livro "A peste" como o período após a peste, resultou em mudança de mentalidade e maior cuidado com o próximo.

Percorremos nesse estudo as seguintes etapas: (1) Contexto da pandemia e a importância da religião-espiritualidade; (2) A morte para o cristão e significado a luz da teologia paulina; (3) Ressignificar a vida em contexto de pandemia; (4) A mortandade no século III: Interpretação de São Cipriano; (5) Considerações finais.

2 Contexto da pandemia e importância da religião-espiritualidade

A pandemia da *Covid-19* foi uma entre tantas na história da humanidade. "Entre o século I e o século IV d.C., cinco grandes pragas atingiram o Império Romano" (GONÇALVES, 2020, p. 391). A *Covid-19* é a primeira pandemia após a grande evolução da medicina, com novas tecnologias e descoberta de novas vacinas. Não se esperava nesse estágio de desenvolvimento da medicina que um vírus levasse a óbito tantas pessoas. Diante desses fatos dolorosos a própria ciência experimenta seus limites e enfrenta novos desafios. A mortandade por epidemia é o mal do século, e com ela, se prolongam as sequelas a ser tratadas. Dentre as consequências da doença é comum a ansiedade, a depressão, a perda de sentido. Nesse vazio reconhece-se o papel da religiosidade/espiritualidade como ajuda para fortalecer a fé e esperança de recomeçar nova vida.

"A religiosidade/espiritualidade (R/E) vem sendo reconhecidamente evocada na literatura científica como um dos vértices do cuidado em saúde a partir de sua inclusão no conceito multidimensional de saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1998". (SCORSOLINI; ROSSATO; CUNHA, 2020, p. 2).

Espiritualidade, na sua origem etimológica, é sopro de vida. Em Gn 2,7 Deus criou o ser humano da terra e soprou em suas narinas tornando-o vivente. A espiritualidade é uma busca de sentido para vida, que vai além de sangue correndo nas veias, um coração batendo e um cérebro decodificando as sensações. A espiritualidade é aberta à busca de sentido e indica abertura ao transcendente. "Esta busca de sentido fica mais mobilizada quando a vida é ameaçada" (SCORSOLINI; ROSSATO; CUNHA, 2020, p. 2).

Na situação de ameaça no contexto da pandemia surgem os questionamentos: por que isso está acontecendo, ou o que acontecerá a partir dessa experiência? E aqueles vitimados por esses males na família se perguntam: qual o sentido da vida? para onde vamos? Alguns interpretam até mesmo como um sinal do juízo de Deus. Essa impulsão em busca de sentido da vida vem acompanhada da religiosidade. Conforme Marta Helena (2020, vídeo) há uma força maior que caracteriza uma religiosidade. E a religiosidade quando é compartilhada por grupos e organizada, favorece a instituição religiosa. O enfrentamento da pandemia reclama uma crença em algo maior, uma sabedoria mais elevada que vem de um ser superior, da divindade. Não que ela substitua o papel da ciência: "Água benta não é um gel antibacteriano e oração não é uma vacina [...] Mas para os crentes, a religião é uma fonte essencial de cura espiritual e esperança" (LENNOX, 2020, p. 19, tradução nossa).

Esta espiritualidade/religiosidade, quando se soma com a ciência, filosofia, cultura, política, traz consigo resultados bem positivos, por causa de seus princípios éticos que abrangem a defesa e promoção da vida em todas as suas dimensões. Porém, quando se mostra competitiva com a ciência a religião-instituição se torna um entrave, na busca de sentido da vida. Mais problemática é quando a religião é "instrumentalizada pelos agentes da governança pública" (GABAZT; ANGELIN, 2020, p. 2) que não compactuam com as orientações sanitárias.

O ser humano talvez seja a única espécie capaz de antever a própria morte. Contudo, não sabe quando nem como será seu fim. Em meio ao desespero alguns apressam esse fim com o suicídio cujo número tem crescido (GABAZT; ANGELIN, 2020, p. 3). No contexto de pandemia a pessoa está o tempo todo sabendo que corre risco porque a doença não se mostra de imediato. Além do mais, os sintomas variam de pessoa para pessoa. "Precisamos entender o coronavírus de três maneiras diferentes: intelectual, emocional e espiritualmente. Todos eles são importantes e juntos representam um enorme desafio para cada um de nós" (LENNOX, 2020, p. 15, tradução nossa).

> Muitas experiências individuais e ainda uma experiência comum que une todos em uma comunidade de destino. É verdade que já estamos acostumados a ouvir notícias de catástrofes todos os dias. Mas são catástrofes que ocorrem em algum lugar distante, na Ásia ou na África; agora é uma pandemia ao pé da letra, uma crise que atinge todos (pân) as pessoas (dêmos), todos juntos e cada um em particular. Para todos, significa uma interrupção abrupta do estilo de vida anterior, costumes e certezas cotidianas tidas como óbvias (KASPER, 2020, p. 15, tradução nossa).

A morte coloca o ser humano em contato com seus limites. A pandemia obriga a pessoa a abandonar uma concepção de prazer sem limites. Ela se obriga a lidar com a dor e com o sofrimento. É uma situação concreta angustiante, mas também significativa que mobiliza mudanças. As notícias de muitas pessoas morrendo acentua a angústia e esgotam as forças humanas. Neste contexto o crer em uma força maior é perceptível pela própria medicina que resulta em certo alívio.

> Embora a literatura tenha sido virtuosa em reconhecer e considerar a R/E como vértice de cuidado, a cada novo processo de saúde-doença deflagrado é necessário que possamos revisitar os conhecimentos produzidos acerca dessa dimensão e como ela pode contribuir para oferecer uma resposta a esse cenário. O surgimento do novo coronavírus e da pandemia da *COVID-19* tem provocado mudanças nos mais diversos aspectos do cuidado, mobilizando pesquisadores e profissionais em termos dos possíveis tratamentos, da exploração das formas de contágio e de contenção da pandemia, bem como dos aspectos emocionais disparados em função desse importante cenário de saúde global (SCORSOLINI; ROSSATO; CUNHA, 2020, p. 2).

Contudo, o enfrentamento da *covid-19* atingiu também a religiosidade/espiritualidade. Com as orientações da OMS (Organização Mundial da Saúde), do Ministério da Saúde e das secretarias de saúde dos municípios, para que a população fizesse o isolamento social, significativos passos foram dados no controle da doença. Do ponto de vista religioso os líderes e os fiéis tiveram que se reinventar, buscando alternativas midiáticas para celebrar e alimentar a sua fé diante dos limites do isolamento social. Essa criatividade das Igrejas, e atenção às pessoas no seu isolamento, trouxe conforto e consolo no sofrimento.

A espiritualidade/religiosidade auxilia no enfrentamento da pandemia, leva a dar um novo sentido à vida e também ao momento final da morte.

3 A morte à luz da teologia paulina da morte e ressurreição de Jesus

Filipos, Tessalônica, Corinto, Éfeso, foram grandes centros urbanos onde Paulo visitou e formou comunidades cristãs. Junto com seus companheiros Silvano, Timóteo, dentre outros, Paulo buscou adaptar-se como judeu ao mundo grego, com sua língua e costumes bem diferentes do contexto rural da Palestina. Com certeza o problema do sofrimento fome, doenças, mortandade eram realidades bem mais dramáticas que em nosso tempo.

A Primeira Carta aos Tessalonicenses faz alusão àqueles que não têm esperança, em relação à vida além da morte (1Ts 4,13). Com efeito, é na comunidade de Tessalônica onde surge o problema escatológico sobre o destino dos mortos por ocasião da vinda do Senhor, que Paulo se obriga a dar uma resposta a partir da realidade da comunidade.

O contexto da expectativa imediata da parusia que determina a Primeira Carta aos Tessalonicenses em sua totalidade é também a chave para a compreensão dos dois ensinamentos escatológicos centrais em 1Ts 4,13-18; 5,1-11. Provocado por falecimentos inesperados na comunidade, Paulo vincula em 1Ts 4,13-18 pela primeira vez a ideia da parusia do Senhor com uma ressurreição de cristãos falecidos (SCHNELLE, 2010, p. 221).

O enfrentamento de questões relacionadas à morte, gerava desconforto e tristeza como aparece nas palavras de Paulo: "Irmãos não queremos que ignoreis o que se refere aos mortos, para não ficardes tristes como os outros que não têm esperança" (1Ts 4,13). O crer na ressurreição gera esperança, desse modo, a morte do ser humano tem ligação com a morte de Cristo, por isso, adquire novo sentido em vista da vida, como explica Paulo: "Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou" (1Ts 4,14a). "A frase supõe a fé da comunidade na morte e ressurreição de Jesus. A ressurreição é a base da fé" (ARTUSO, 2017, p. 147). Conforme afirma Udo Schnelle:

> A formulação querigmática no v. 14a contém uma primeira reposta do apóstolo. Ele pressupõe a morte e a ressurreição de Jesus como fé reconhecida da comunidade dos tessalonicenses e deduz que também as pessoas já adormecidas não serão abandonadas por Deus. Na parusia ocorrerá uma atuação mediadora escatológica de Jesus, pois Deus conduzirá 'diátou Iesu' (através de Jesus) as pessoas já adormecidas com Jesus (SCHNELLE, 2010, p. 222).

"Assim também os que morreram em Jesus, Deus há de levá-los em sua companhia" (1Ts 4,14b). A dúvida de alguns, conforme a Primeira Tessalonicenses, era se os mortos que não estariam presentes na vinda de Cristo estariam em desvantagem em relação aos vivos, visto que a vinda do Senhor seria para os vivos neste mundo. E Paulo reponde: "Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, que ainda estivermos aqui para vinda do Senhor não passaremos à frente dos que morreram" (1Ts 4,15). Qual seria essa palavra do Senhor? Seria "o querigma que dará consolação à comunidade diante de sua tristeza pelos que morreram" (ARTUSO, 2017, p. 146).

Nesse sentido, destaca-se que, "morrer na graça de Cristo é passar da morte para vida. Quem vive em Cristo já passou da morte para vida, está na 'companhia de Jesus' (ARTUSO, 2017, p. 148).

Este é o principal motivo da crise dos tessalonicenses: falta de esperança e desconhecimento do que significou a morte e ressurreição de Cristo para a comunidade. Passaram-se duas décadas da morte de Cristo e ele não veio triunfante, conforme o esperado. O resgate do Jesus histórico nos Evangelhos escritos depois das principais cartas de Paulo corrige certas visões futuristas e imediatas do reino de Deus ao relatar que o Reino está presente, como uma semente na terra ou como o fermento. Começa aqui, mas tem uma realização futura.

O apóstolo Paulo foi o primeiro a escrever respondendo perguntas escatológicas, ou seja, "as dúvidas e incertezas dos cristãos de Tessalônica [...] Os missionários esclarecem a fé na ressurreição de Cristo. E isso dará consolo e esperança à comunidade" (ARTUSO, 2017, p. 144).

Ele procura explicar de uma maneira que as pessoas entendam com as condições delas até o momento. À medida que as pessoas adquirem base para entender a questão da morte na relação com Cristo Ressuscitado, Paulo aprofunda a teologia em suas cartas. Ele vai abandonando as categorias de tempo e de espaço na Primeira Tessalonicenses. "Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro" (1Ts 4,16). A resposta vai de encontro, com as perguntas das pessoas cuja preocupação era o destino de seus parentes, que haviam morrido antes da vinda de Cristo e não estariam presentes no Dia do Senhor.

Na época de Paulo, a pergunta da comunidade era o que iria acontecer com os mortos por ocasião da vinda do Senhor. Haveria diferença entre vivos e mortos no Dia do Senhor? Paulo explica que os mortos ressuscitarão primeiro. "Em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares. E assim, estaremos para sempre com o Senhor" (1Ts 4,17).

Estar sempre com o Senhor é a meta soteriológica de todo conhecimento: A descrição dos eventos escatológicos começa com a vinda triunfal do *Kyrios* desde os céus, precedida da ressurreição dos mortos em Cristo e o arrebatamento, juntamente com os vivos, para as nuvens, para o encontro com o Senhor (SCHNELLE, 2010, p. 223).

Paulo fala da Ressurreição de maneira metódica, a partir da situação da comunidade com dúvidas na fé cristã. "Devemos supor que Paulo, em sua pregação de fundação, não falou de uma ressurreição dos mortos. Parece que os tessalonicenses não conheciam esta noção, enquanto ela era provavelmente familiar a Paulo fariseu" (SCHNELLE, 2010, p. 223).

Talvez, Paulo tivesse focado mais a vinda iminente do Senhor sem se preocupar em explicar a ressurreição dos mortos. As perguntas surgiram com a morte de algumas pessoas da comunidade antes da vinda do Senhor. São perguntas que surgem a partir dos problemas reais dos seres humanos. "Ao designar os membros falecidos da comunidade como "*nekroi en Christo*" (mortos em Cristo), Paulo enfatiza que a morte não é o fim da comunhão com Cristo que começou de forma real no batismo" (SCHNELLE, 2010, p. 224).

A comunhão com Cristo se plenifica na parusia, que é a vinda do Senhor. Paulo consegue com suas palavras ressignificar a morte: "Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras" (1Ts 4,18). Esta exortação demonstra que o mais importante é estar com Cristo e viver em Cristo. Mortos "*en Christo*" deve ser entendido de maneira soteriológica-ontológica. A expressão designa a nova existência constituída no batismo, a existência no espaço do Cristo e a comunhão pessoal com Cristo a qual a morte não pode interromper" (SCHNELLE, 2021, p. 224).

O sentido da morte é ressignificado neste contexto; não é mais uma questão biológica-teológica, mas uma questão soteriológica-ontológica: em Cristo o cristão é nova criatura e a experiência em Cristo começa com batismo nessa vida e se concluirá na parusia.

Em 1Ts 5,1-11, Paulo continua suas abordagens iniciadas em 4,13-18 sobre o "como" dos eventos escatológicos, por meio da pergunta pelo, "quando" do acontecimento escatológico [...]. Adverte cada crente a orientar sua vida pelo Dia do Senhor que é imprevisível [...]. O objetivo da existência dos crentes – quer vivos, quer já falecidos – é a vida com o Senhor [...]. Paulo postula uma igualdade entre os membros já falecidos e os vivos no momento da vinda do Senhor. A meta soteriológica dos eventos escatológicos é estar com o Senhor, e isto é precedido pela ressurreição dos cristãos mortos e o arrebatamento de todos. (SCHNELLE, 2010, p. 225-226).

Ressignificar o sentido da morte propicia aos membros da comunidade compreender que os já falecidos e os que ainda estiverem vivos serão contemplados no Dia do Senhor. "Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro" (1Ts 4,16).

Paulo não resolve o problema da ressurreição na Primeira Carta aos Tessalonicenses. Ele continua refletindo sobre o assunto em outras cartas (1Cor 15). Por ora, explica que o importante é a promessa "estaremos sempre com o Senhor" (1Ts 4,17). Esta resposta alivia a inquietação e angústia das pessoas: "Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras" (1Ts 4,18).

4 Ressignificar a vida no contexto da pandemia

No enfrentamento da pandemia, faz-se necessário, consolar as pessoas tristes. "Nas situações difíceis da vida, com tribulações e incertezas, a comunidade dos tessalonicenses buscou conforto na Palavra do Senhor" (ARTUSO, 2017, p. 160). Esse conforto vem da esperança em Cristo e de uma fé esclarecida do mistério da paixão, morte e ressurreição de Cristo. Leva-se em consideração a dimensão religiosa de toda a pessoa humana aberta à transcendência. Do ponto de vista existencial o ser humano sempre busca algo mais que um significado da vida. No contexto cristão, a base da fé que transcende a realidade da vida material é a ressurreição de Cristo.

"Em 11 de março de 2020, a *Covid-19* foi caracterizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pandemia, isto é, como uma doença cujo contágio se espalhou por várias regiões" (GONÇALVES, 2020, p. 390). O tempo pandêmico requer respostas para seu enfrentamento, que alivie a dor das pessoas. Estas respostas não surgem sem esforços, demandam trabalho, reflexão em parceria com outras instâncias na busca de caminhos alternativos. Paulo se debruçou sobre a questão apenas quando ela surgiu na comunidade de Tessalônica.

Compreender a realidade à nossa volta, principalmente quando está em processo de "mudanças drásticas, é sempre desafiador. Qualquer percepção haverá de ser significativamente caracterizada por contornos pessoais, diferentes filtros, perspectivas de análise sublinhadas pela sensibilidade e criatividade humana" (GABAZT; ANGELIN, 2020, p. 2). O fato estranho, no caso a pandemia, traz consigo uma gama de complexidade que se somam com os problemas já existentes diante dos quais não se tem receita pronta. O enfrentamento exige percorrer um caminho novo em construção alicerçado nas palavras de Paulo: "Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras" (1Ts 4,18).

As palavras da Sagrada Escritura consolam, porque este livro cobre a experiência de um povo durante vários séculos em meio a muitas alegrias, tristezas, sofrimentos e guerras. No fim do exílio de Babilônia (538 a.C.), que foi uma experiência dramática com muitas mortes, fome, miséria, crise de fé; os discípulos de Isaías nos deixaram o livro da Consolação (Dêutero-Isaías) que assim inicia: "Consolai, consolai meu povo, diz o vosso Deus, falai ao coração de Jerusalém" (Is 40,1-2).

As Sagradas Escrituras dinamizam o enfrentamento da *Covid-19* porque conferem uma força e paz às pessoas, as educa para contribuir na superação da doença. O contexto é ainda desafiador para uma ação abrangente de formação da consciência e responsabilidade de todos:

> Nestes tempos, há, por óbvio, muitos questionamentos sobre o fato de uma grande parcela da população brasileira ignorar as orientações dos órgãos oficiais de saúde que indicam o isolamento como forma de conter a propagação do vírus. Para entender os motivos, é preciso reconhecer que, além de certos protagonistas da governança pública, existe a negação histórica do acesso a uma educação capaz de transformar corações e mentes e que, em momentos iguais ao que estamos vivendo, agrava o caos social, assim como, muitas vezes, questões religiosas vêm sendo instrumentalizadas pelos agentes da governança pública (GABAZT; ANGELIN, 2020, p. 3).

Acrescenta-se a essa realidade que pessoas vulneráveis pela doença e sem encontrar saída ficam vulneráveis aos milagreiros de plantão que não perdem oportunidade para satisfazer sua ganância de enriquecer-se às custas da fé popular.

É muito positivo no enfrentamento da pandemia, a parceria entre religião, política e ciência somando as experiências, mas respeitando as fronteiras de cada uma. Assim os políticos não podem ultrapassar as fronteiras da ciência com promessas milagreiras. Isso interfere e atrapalha na busca crítica e séria das pessoas no momento da dor. Muitos ficam vulneráveis aos milagreiros de plantão que não perdem oportunidade para satisfazer os interesses pessoais e maléficos.

Enfim a busca de solução começa com a compaixão e solidariedade. "Isso implica a ideia de um corpo social que se organiza sob as bases de uma reciprocidade" (GABAZT; ANGELIN, 2020, p. 5). Um por todos e todos por um.

5 A mortandade no séc. III: Interpretação de São Cipriano

No passado ocorreram muitos casos de epidemias, algumas se tornaram pandemias. Retomemos a descrição e interpretação de uma epidemia na obra de São Cipriano: "De mortalitate"

> A 'Praga de Cipriano'[...] tem esse nome porque ela aconteceu durante a vida e o ministério desse famoso bispo e mártir norte-africano. Cipriano foi bispo em Cartago, África do Norte, de 249 a 258, quando sofreu o martírio no tempo do imperador Valeriano. Ele é uma das fontes antigas sobre a praga, tendo escrito em 253 a obra *De mortalitate* ('A mortalidade') para encorajar e exortar a comunidade cristã a se manter firme na fé durante a terrível pandemia (GONÇALVES, 2020, p. 391).

A assim chamada "praga de Cipriano" com as palavras da época, foi um vírus mortal que provocou grande mortalidade. E Cipriano, como bom cristão e bispo, orientou seus

fiéis no enfrentamento da doença. Deve-se levar em conta que eram épocas diferentes e sem o aparato científico como se tem atualmente.

O cenário da época:

> Rebentou então uma peste tremenda; uma execranda doença devastadora de proporções espantosas atingia cada dia inumeráveis pessoas, invadindo as casas todas a eito, perante o terror do povo. Todos ficavam horrorizados, choravam, procuravam evitar o contágio, abandonavam desapiedadamente os familiares, como se, afastando-se do moribundo empesteado, pudessem escapar à morte. Jaziam dentro da cidade, pelos caminhos, não já corpos humanos, mas cadáveres amontoados, solicitando à vista da sorte comum, a piedade dos viandantes. Ninguém se importou com mais nada a não ser com os ganhos cruéis; ninguém se assustou lembrando-se de que semelhante chaga pudesse cair sobre ele; você fez aos outros o que gostaria que lhe fizesse (PÔNCIO *apud* GONÇALVES, 2020, p. 392).

Diante do desconforto da época, Cipriano como bispo e representante do povo perante Deus, quis orientá-lo. Primeiramente reúne o povo para instruir sobre a importância da misericórdia dispensando-lhe os exemplos da Sagrada Escritura e para os fazer cair na conta de quanto importem as obras de caridade para se ganharem méritos aos olhos de Deus. Neste contexto aproveitou para ensinar que não haveria nada de extraordinário prestar somente aos nossos os serviços que a caridade impõe (GONÇALVES, 2020, p. 393).

Semelhante aos conselhos de Cipriano na época foram as ações das pessoas e instituições no contexto da *Covid-19*: houve mais motivação de atender as exortações bíblicas à caridade a todos sem distinção. Houve muitas doações feitas pelas diversas instituições da sociedade. A dedicação dos agentes de saúde redobrou, sem contar os esforços da ciência em oferecer vacinas eficientes contra o vírus. Foram diferentes as recomendações de Cipriano na época e as orientações atuais na superação da pandemia. Cipriano em um contexto que não havia os recursos laboratoriais da medicina, orientava os cristãos a não temer a morte.

> Muitos de vós, irmãos diletíssimos, têm o espírito calmo, a fé firme e o ânimo devotado; longe de serem abalados pela extensão da mortalidade atual, qual rochedo forte e estável, quebram os assaltos impetuosos do mundo e as violentas vagas do século, sendo por elas provados, mas não vencidos [...] Outros todavia, não fazem valer a força divina e invencível que trazem dentro de si. Isso não é algo que se possa deixar passar em silêncio ou disfarçar; pelo contrário. Portanto, na medida das minhas pobres forças, com a maior energia e com palavras hauridas dos livros divinos, seja reprimida a ignávia de um ânimo auto condescendente, a fim de que seja realmente digno de Deus e do Cristo quem já se tornou servo de Deus e do Cristo (CIPRIANO, 2016, p. 134).

Nessa situação só restava exortar os cristãos a acolher as pessoas abandonadas pelos próprios parentes e familiares que fugiam com medo do contágio. Consolo só em Deus, pois não havia cura e as pessoas morriam nas estradas e nas praças das cidades. O bispo de Cartago reclama porque alguns não seguem suas orientações de prestação de socorro. Atualmente também há alguns cristãos que têm dificuldade em seguir as orientações da saúde, no caso o isolamento social e higienização, importantes medidas preventivas.

O imperativo bíblico "consolai-vos" continua muito vivo, agora o consolo é encontrar socorro, o consolo não é apenas confortar, mas oferecer meio de combate à doença a todos e todas, pois a sociedade tem meios para socorrer as pessoas. Os recursos técnicos favorecem o cuidado com as pessoas e muitos conseguem tratamento e sobrevivem.

No séc. III, Cipriano encorajava seus leitores esclarecendo a dinâmica escatológica assumida pelo cristão. Na sua concepção os cristãos não devem temer a morte, aja visto que é o único meio de mergulhar plenamente no mistério de Deus, contemplá-lo face a face. Por isso, a orientação aos cristãos era que se aproximassem dos doentes e servissem sem medo da morte. Naquela situação, sem recursos e meios de socorrer as pessoas, diante da catástrofe da mortandade, Cipriano acentua a morte inevitável como ir ao encontro do Cristo. Por esse motivo não se deveria temer a morte.

> Avizinham-se, com [este] mundo que passa, o prêmio da nossa vida, o júbilo da salvação eterna e a alegria perpétua, a posse do paraíso que perdêramos. As realidades celestes já sucedem às terrenas, as grandes às pequenas, as eternas às passageiras. Que motivo há, pois, para ansiedade e desassossego? Quem fica inquieto e triste nesta situação, senão quem não tem esperança e fé? Temer a morte é próprio de quem não quer ir para o Cristo. Não querer ir para o Cristo é próprio de quem não crê que começará a reinar com ele (CIPRIANO, 2016, p. 142).

A escatologia alimenta certo entusiasmo do bispo de Cartago pela morte e o martírio. O único recurso era consolar e exortar a prática da caridade.

> Se, porém, nada mais nos proporcionasse esta mortalidade, ainda valeria muito para nós, cristãos, por este resultado que produziu: pois, ensinando-nos a não temer a morte, faz que comecemos a desejar de boa vontade o martírio. Estamos, pois, diante não do enterro, mas do adestramento. A mortalidade é um exercício que dá ao espírito a glória da fortaleza e nos prepara para a coroa eterna (GONÇALVES, 2020, p. 391).

Naquele contexto os cristãos eram desafiados pelo bispo de Cartago a enfrentar a morte. Aja visto que a morte para os cristãos deve ser enfrentada de maneira diferente: à luz do mistério da fé na morte e ressurreição de Cristo. No contexto da *Covid-19* os cristãos foram desafiados pela Igreja a ficar em casa para contribuir no enfrentamento da doença e evitar os contágios. Estes são os pontos divergentes no enfrentamento da pandemia naquela época e atualmente. E se há pontos convergentes, um deles muito importante é a igualdade no tratamento das pessoas, como explicou Cipriano: "Até que este [corpo] corruptível se revista da incorrupção, o mortal receba a imortalidade e o Espírito nos conduza a Deus Pai, tudo o que há de incômodo na carne nos será comum com o gênero humano"

O enfrentamento de qualquer dificuldade social só será vencido com a solidariedade, na qual ninguém é excluído. Os cristãos são impelidos a agir diferente diante da dor, visto que recebem uma força vinda do mistério. E assim fortalecidos podem contribuir para aliviar a dor de outras pessoas.

O Papa Francisco no prólogo do livro *Dios en la pandemia* organizado por Walter Kasper, escreve: "A crise do coronavírus surpreendeu a todos nós, como uma tempestade que vem repentinamente, mudando de repente nossa vida pessoal, familiar, profissional e pública em todo o mundo" (KASPER, 2020, p. 10). No mesmo prólogo o Papa Francisco anima os cristãos a viver o mistério pascal. "No meio da crise, celebramos a Páscoa,

ouvindo a mensagem pascal da vitória da vida sobre a morte. Esta mensagem diz que os cristãos, não devem ficar paralisados pela pandemia" (KASPER, 2020, p. 10).

A ressignificação da morte à luz de Cristo, e o conforto na fé foi o fio condutor que moveu Paulo, moveu Cipriano e move o Papa Francisco. E deve mover todas as pessoas de boa vontade.

Se Paulo em sua época ressignificou o sentido da morte esclarecendo o evento da ressurreição, em tempo pandêmico com tantas mortes inesperadas, se requer consolar os corações enlutados a partir da esperança da ressurreição.

Ressignificar o sentido da morte nada mais é para os cristãos, que dinamizar a experiência do ressuscitado, levando conforto e, acima de tudo, comprometendo-se com ações transformadoras em favor da vida para todos.

6 Considerações finais

O enfrentamento da pandemia requer mobilização de toda a sociedade. Diferente de pandemias passadas, atualmente se tem o apoio da medicina bastante evoluída com recursos tecnológicos. O que alegra por um lado e entristece pelo outro, pois com toda esta tecnologia o vírus matou milhões de pessoas pelo mundo. A mortandade se deve também à resistência de muitos em não aderir à vacina. Seja como for, um acontecimento dessa envergadura mobiliza toda a sociedade em busca de soluções efetivas diante da doença e também na busca de formas de ajudar as vítimas e aqueles que perderam seus entes queridos.

O tema da ressurreição tratado por Paulo na Primeira Tessalonicenses foi uma resposta a um momento de crise da comunidade sobre o destino dos mortos. Nas respostas de Paulo, a morte do ser humano tem um novo sentido: Deus vai levar os mortos na sua companhia e na morte ressuscitam com Cristo. A fé dá sentido à vida nas tribulações e por isso no contexto triste de pandemia as pessoas buscam na pessoa de Jesus Cristo ressuscitado conforto e consolo. Assim a teologia paulina ensina: Uma vez que Cristo sendo humano e divino morreu e ressuscitou, imprimiu à morte do ser humano um caráter escatológico.

Constatou-se neste estudo que a situação dramática da doença e situação de morte, quando os recursos de socorro não chegam, as pessoas mais se apegam em Deus. Por outro lado, são evidentes as atitudes de solidariedade, misericórdia cristã que se multiplicam. O apego em Deus motiva para a ação e compromisso com os sofredores. Nesse sentido, as práticas religiosas não alienam as pessoas em uma esperança futura desencarnada da realidade, mas motivam ainda mais na promoção da vida. Viver em Cristo e morrer em Cristo, como ensinou Paulo, de fato ressignifica a vida e a morte, pois a pessoa de fé vive movida pela esperança que se torna força para todos e todas.

A atitude de Paulo em sua época buscou responder às perguntas que afligiam os corações de pessoas preocupadas com o destino de se seus entes queridos. Essas páginas de Paulo inspira a Igreja de hoje a se fortalecer em Cristo e motivar seus membros ao amor fraterno e à caridade com os sofredores.

Morrer, para os cristãos, tem o sentido de se encontrar com o Senhor, ser acolhido pelo Pai. Sendo assim, dependendo da maneira que as pessoas morrem a dor dos familiares é maior. Porém, a certeza da ressurreição ameniza as dores dos corações feridos e machucados em contexto de pandemia. Na Primeira Carta aos Tessalonicenses, Paulo com suas sábias palavras consolou os corações entristecidos. No séc. III, Cipriano de Cartago

fundamentado na ressurreição e na parusia encorajou as pessoas da época a perseverar na fé e serem ativas na solidariedade cristã. A mesma fé em Cristo e na ressurreição dos mortos que moveu Paulo, moveu Cipriano, e move os cristãos atualmente em contexto de pandemia e no pós-pandemia.

Referências

ARTUSO, Vicente. O destino dos mortos e vivos. *In*: ROSSI, Luiz Alexandre Solano (Org.). *1Tessalonicenses: fé, esperança, amor e resistência.* São Paulo: Paulinas, 2017. p. 143- 161.

ARTUSO, Vicente. A vinda do Senhor o futuro do homem e do mundo. *In*: ROSSI, Luiz Alexandre Solano (Org.). *1 Tessalonicenses: fé, esperança, amor e resistência.* São Paulo: Paulinas, 2017. p. 163- 177.

ARTUSO, Vicente; ROSA, Patricia Zaganin Camilo. Visita de Deus na cidade de Jerusalém: juízo e salvação. *Pistis & Práxis: Teologia e Pastoral*, Curitiba, v. 13, n. 2, p. 786-805, maio/ago. 2021.

BELINI, Antonio Luiz. *A morte é o fim do homem inteiro, mas não inteiramente:* teologia da morte em J. L. Ruiz de La Peña. São Leopoldo: Oikos, 2015.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2004.

BORTOLINI, José. *Introdução a Paulo e suas cartas*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

CALDEIRA, Angela Cristina Germine Pinto. A ressurreição de Jesus uma abordagem a partir de Walter Kasper. *Atualidade Teológica,* Rio de Janeiro, v. 45, p. 596-609, set./dez. 2013.

CENTRO BÍBLICO VERBO. *O amor jamais passará:* Entendendo a Primeira Carta aos Coríntios. São Paulo: Paulus, 2008.

CIPRIANO DE CARTAGO. A mortandade. *In*: OBRAS completas. São Paulo: Paulus, 2016.

CONSTITUIÇÃO Pastoral *Gaudium et Spes*. Sobre a Igreja no mundo de hoje. *In*: COMPÊNDIO do Vaticano II: constituições, decretos e declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FRIBERG, Barbara e FREBERG Timothy. *O Novo Testamento:* grego analítico. São Paulo: Vida Nova, 2007.

GABATZ, Celso; ANGELIN, Rosângela. Ponderações críticas acerca da Covid-19: Contribuições para ampliar o entendimento no contexto brasileiro. *Estudos Teológicos,* São Leopoldo. v. 60, n. 2, p. 466-482, maio/ago. 2020.

GOMES, Tiago de Fraga. A missão da Igreja em tempos de pandemia. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 337-353, maio-ago. 2021. Disponível em: https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1665. Acesso em 22 nov. 2021.

GONÇALVES, José Maria. De Mortalitate: Cipriano de Cartago e a pandemia do terceiro século *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 60 n. 2 p. 390-403, maio/ago. 2020. Disponível em: http://dx.doi.org/10.22351/et.v60i2.4074. Acessso em: 22 nov. 2021.

KASPER, Walter. El coronavírus como interrupcion: suspecion y salida. *In:* KASPER Walter *et al*. (Orgs.). *Dios en la pandemia:* ser cristianos em tiempos de prueba. Maliaño: Sal Terrae, 2020. p. 12-22.

PAPA FRANCISCO. *La vida despues de la pandemia.* Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020.

SCHNELLE, Udo. *Paulo: Vida e pensamento*. São Paulo: Paulus, 2010.

SCORSOLINI, Comin Fabio *et al*. A Religiosidade/Espiritualidade como Recurso no Enfrentamento da Covid-19. *Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro*, Divinópolis, v. 10, p. 1-12, 2020. Disponível em: http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/3723. Acesso em 22 nov. 2021.